

---

**INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA DO PB DURANTE A APRENDIZAGEM DE LI:  
EPÊTESE EM SÍLABA FINAL**

**PHONOLOGICAL INTERFERENCE OF BRAZILIAN PORTUGUESE IN THE  
LEARNING OF ENGLISH:  
EPENTHESIS IN FINAL SYLLABLES**

**Milena Firmina Amaral Gomes<sup>1</sup>  
Alessandra Mara de Assis<sup>2</sup>**

**Resumo:** Esta pesquisa teve como foco averiguar a interferência do português brasileiro durante a aprendizagem de língua inglesa com foco na ocorrência de epêtese na produção de 06 estudantes através da leitura de um texto. Todos os estudantes estavam cursando Letras na Universidade Federal do Tocantins: três estavam cursando o 2º período (Grupo 1) e os outros três estavam cursando o 8º período (Grupo 2). Ressaltamos que a análise foi realizada com base na Fonologia de Uso (BYBEE 2001) e Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001). Usamos o programa “praat” para verificar se houve ou não a ocorrência de epêtese nos dados coletados. Depois de concluir a análise do *corpus*, nós chegamos às seguintes conclusões: palavras terminadas em consoantes africadas são desfavoráveis à ocorrência de epêtese, por outro lado, consoantes nasais são um contexto precedente favorável a este fenômeno. Em relação ao contexto seguinte, as consoantes nasais não são benéficas para a adição de uma vogal epentética, no entanto, as fricativas são um contexto seguinte propício a essa inserção. Concluimos também que este tipo de interferência muda a estrutura silábica das palavras. Contudo, ressaltamos que a ocorrência de epêtese foi mais alta nos dados do 2º período do que nos dados do 8º período.

**Palavras-chaves:** fonologia; epêtese; sílaba; português brasileiro; língua inglesa.

**Abstract:** This research had the goal of examining the interference of brazilian portuguese during the learning of English language focusing on the occurrence of epenthesis in the speech of 06 students through text reading. All students were taking *Letras* course at *Universidade Federal do Tocantins*: three of them were taking the 2<sup>nd</sup> period (Group 1) and the other three were taking the 8<sup>th</sup> period. We outline that the analysis was made based on the Phonology of Use (BYBEE, 2001) and the Exemplar Theory (PIERREHUMBERT, 2001). We also used the computer program “praat” in order to check if there was the occurrence of epenthesis on the data collected. After we concluded the analysis of the *corpus*, we drew the conclusion that: words ending in affricates are unfavorable to occurrence of epenthesis, on the other hand, nasals are a favorable preceding context to this phenomenon. In relation to the following context, nasals are not beneficial to the addition of an epenthetic vowel, nevertheless, fricatives are a propitious following context to this insertion. We also concluded that this kind of interference

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: milenafiamgo@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Araguaína. E-mail: alessandra.massis@uft.edu.br

changes the syllabic structure of words. However, we point out that the occurrence of epenthesis was higher in 2<sup>nd</sup> period *data* than 8<sup>th</sup> period *data*.

**Keywords:** phonology; epenthesis; syllable; Brazilian Portuguese; English language.

## Introdução

É interessante notar o que acontece quando uma pessoa encontra-se diante de uma língua estrangeira. Quando ela desconhece o funcionamento do sistema fonológico dessa língua, sua tendência é julgar o que encontra em função do sistema fonológico de sua própria língua. (CAGLIARI 2002, p. 28)

Neste artigo, analisam-se as influências da língua materna, Português Brasileiro<sup>3</sup>, durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua, neste caso, a Língua Inglesa<sup>4</sup>. Nesta pesquisa, considerou-se a influência da língua materna sobre a segunda língua no âmbito fonológico, sendo os dados obtidos analisados à luz das teorias representacionais: fonologia de uso e teoria de exemplares.

A interferência da língua materna durante a aquisição de uma segunda língua acontece em vários âmbitos, todavia, neste artigo, o foco é a oralidade. Primeiramente, é relevante apresentar o conceito de epêntese adotado nesta pesquisa; adota-se a definição de CRISTÓFARO-SILVA (2012) que descreve “epêntese” como um fenômeno de inserção de vogal em sílabas fechadas/travadas<sup>5</sup>. Por exemplo, falantes do PB inserem uma vogal quando se encontram diante de uma sílaba fechada<sup>6</sup>: “pneu” é pronunciada com uma vogal epentética “p[i]neu”.

Deve-se ressaltar também que o sotaque acaba sendo um fator colocado em discussão quando o assunto é a aprendizagem de uma segunda língua: “Podemos questionar que tipo de sotaque é mais adequado e deve ser aprendido. Argumento que o melhor sotaque é aquele que é eficiente para os propósitos de uma comunicação eficaz” (CRISTÓFARO-SILVA, 2012, p.18). Logo, o foco desta pesquisa está nas influências fonológicas que podem causar problemas na comunicação, e não no sotaque, pois o sotaque representa a identidade de um indivíduo.

<sup>3</sup> Durante o artigo será usado apenas PB para Português Brasileiro.

<sup>4</sup> Adotamos para essa pesquisa o Inglês americano. Durante o artigo será usado apenas LI para Língua Inglesa.

<sup>5</sup> Ambos os termos se referem à sílaba terminada em som consonantal. Neste artigo, utiliza-se apenas o termo “sílabas fechadas”.

<sup>6</sup> Sílabas fechadas: são sílabas finalizadas com um som consonantal.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a interferência das características fonológicas do PB durante a aprendizagem de LI com foco na ocorrência de epêntese nas sílabas finais.

E os objetivos específicos foram:

- averiguar a frequência de produção de epêntese em sílabas finais no *corpus* analisado;
- apontar os contextos que auxiliam e desfavorecem a ocorrência de epêntese em sílabas finais;
- mostrar como a epêntese em sílabas finais, quando existente, altera a estrutura silábica das palavras e pode até modificar o significado das mesmas;

A próxima seção apresenta a perspectiva teórica adotada. As demais seções deste artigo apresentam a sílaba, a metodologia, a análise dos dados e as conclusões.

## 1 Base teórica

Para a análise dos dados obtidos, utilizou-se a *Fonologia de Uso* (BYBEE, 2001) juntamente com a *Teoria de Exemplares* proposta por Pierrehumbert (2001). Uma das principais características da Fonologia de Uso (Usage-Based Phonology) é que essa teoria atribui um papel fundamental ao uso da língua. Logo, essa perspectiva teórica se diferencia das demais, pois as teorias formalistas atribuem esse papel à forma e estrutura da língua, já que a linguagem é tida como inata e o uso não é relevante para tais teorias. Como Bybee (2001, p. 1) argumenta: “Para alguns, de outras disciplinas, que estão se aproximando da linguística, pode parecer estranho que o uso da língua não tenha sido relevante para a formulação de teorias da linguagem”.<sup>7</sup>

Dessa forma, na Fonologia de Uso, a experiência e o uso da língua afetam a representação no léxico, ou seja, o indivíduo e as interações sociais são essenciais para a organização do léxico e da gramática. Outro aspecto a ser pontuado dessa teoria é que os objetos linguísticos são categorizados da mesma forma que os objetos não linguísticos. O conhecimento linguístico não é categorizado aleatoriamente, isto é, essa categorização é fundamentada por relações de identidade e similaridade entre as unidades linguísticas (relations of identity and similarity). Segundo Bybee:

(...) a forma como os seres humanos categorizam ambas as entidades não linguísticas e linguísticas não é pelas atribuições discretas para categorias com base na presença

<sup>7</sup>“To someone approaching linguistics from other disciplines, it might seem odd that language use has not been taken into account in formulating theories of language” (BYBEE, 2001, p. 1).

ou ausência de aspectos, mas sim pela comparação de características compartilhadas com um membro central. Todos os membros da categoria não precisam ter todos os aspectos que caracterizam a categoria, mas um membro e a natureza dos aspectos compartilhados. (BYBEE, 2001, p. 3)<sup>8</sup>

A Fonologia de Uso também inova ao considerar a palavra como unidade de análise: “As generalizações a partir das formas não são separadas da representação armazenada das mesmas, mas emergem diretamente delas. Essas generalizações são expressas como relações entre as formas baseadas nas semelhanças fonéticas e / ou semânticas”<sup>9</sup> (BYBEE, 2011, p. 7), outorgando-se importância ao papel da repetição (role of repetition), abordando-se a frequência de ocorrência e a frequência de tipo:

- Frequência de ocorrência (token frequency): é a frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra, em um texto.
- Frequência de tipo (type frequency): refere-se à frequência de um padrão particular, por exemplo, um padrão de acento, um afixo, grupo consonantal.

Nessa teoria, a frequência de uso e a frequência de ocorrência desempenham um papel importante na formação e organização do léxico:

Em particular, a frequência com qual as palavras são usadas, individuais ou em seqüências, e a frequência com que certos padrões se repetem em uma língua afetam a natureza da representação mental e, em alguns casos, a forma fonética de algumas palavras. (BYBEE, 2001, p.1)<sup>10</sup>

A fonologia de uso oferece uma proposta alternativa às teorias estruturalista e gerativista, já que a experiência afeta a representação, isto é, o uso da língua tem um papel indispensável. Sendo assim, um valor essencial é atribuído à força lexical, uma vez que palavras usadas com mais frequência são acessadas com mais facilidade e palavras usadas com menos frequência acabam se tornando fracas e sendo acessadas com mais dificuldade tendo a possibilidade de serem esquecidas. Em relação à organização do armazenamento no léxico, essa

---

<sup>8</sup> “(...) the way human beings categorize both nonlinguistic and linguistic entities is not by discrete assignments to categories based on the presence or absence of features, but rather by comparison of features shared with a central member. All category members need not have all of the features characterizing the category, but a member and nature of shared features” (BYBEE, 2001, p. 3).

<sup>9</sup> “generalizations over forms are not separate from the stored representation of forms but emerge directly from them. Generalizations over forms are expressed as relations among forms based on phonetic and/or semantic similarities” (BYBEE, 2011, p. 7).

<sup>10</sup> “In particular, the frequency with which individual words or sequences of words are used and the frequency with which certain patterns recur in a language affects the nature of mental representation and in some cases the actual phonetic shape of words” (BYBEE, 2001, p.1).

teoria afirma que tal armazenamento é feito através de regularidades e similaridades dos itens linguísticos.

Outro ponto pertinente nos Modelos Multirepresentacionais é a variação. Nenhum destaque é oferecido à variação nas teorias estrutural ou gerativista. Bybee (2011, p. 20) ressalta que umas das maiores diferenças entre essas teorias é a “rejeição à noção de que o material contido nas regras também não aparece no léxico (...)”<sup>11</sup>, já que os modelos estruturalistas postulam que “somente os fonemas existem nas representações mentais e as variações dos fonemas só emergem no pós-léxico”<sup>12</sup> (BYBEE, 2011, p. 36). Já na Fonologia de uso e Teoria de Exemplos a variabilidade é vista como importante, bem como o contexto e a frequência com que elas ocorrem:

Palavras manifestam muitas variantes fonéticas, devido ao contexto em que são usadas. Posição na frase, segmentos contíguos e traços prosódicos, e até mesmo a frequência de palavras circundantes podem influenciar a sua realização fonética exata. (BYBEE, 2001, p. 142)<sup>13</sup>

Nos moldes estruturais, a variação se torna previsível por meio de regras, que emergem no mapeamento fonológico de uma língua, mas não existem nas representações fonológicas da mesma. Sendo assim, somente os fonemas existem no mapeamento fonológico. Nessa visão a representação mental é tida como simples e o acesso complexo, e na Teoria de Exemplos, a representação é complexa e o acesso simples: “representações armazenadas são complexas e interagem de forma complexa e interessante, mas o acesso a essas representações é relativamente direta, e não mediada por regras derivacionais (...)” (BYBEE, 2001, p. 39).<sup>14</sup> Para Pierrehumbert (apud BYBEE, 2011, p. 43) a variabilidade não deve ser descrita por regras, mas ela deve ser considerada inerente à gramática e à representação. A frequência de uma variação a leva até o exemplar mais próximo, sendo que o contexto em que a variação é ouvida afeta a sua categorização. Por fim, As representações mentais contêm detalhes consideráveis sobre as variações fonéticas, inclusive os vários traços acústicos, e não apenas os traços que determinam os contrastes fonêmicos (BYBEE, 2011).

---

<sup>11</sup> “rejection of the notion that material contained in rules does not also appear in the lexicon (...)” (BYBEE, 2001, p.20).

<sup>12</sup> “only phonemes exist in mental representations and variants of phonemes emerge only in surface forms” (BYBEE, 2011, p. 36).

<sup>13</sup> “Words manifest many phonetic variants due to the context in which they are used. Position in the phrase, contiguous segments and prosodic features, and even the frequency of surrounding words may influence their exact phonetic realization” (BYBEE, 2001, p. 142).

<sup>14</sup> “stored representations are complex and interact in complex and interesting ways, but access to these representation is relatively direct and not mediated by derivational rules (...)” (BYBEE, 2011, p. 39).

Nós podemos encontrar diferenças em pronúncias (bem como em outros campos de análise linguística) por causa de vários fatores que nós podemos chamar de influências “estáticas” incluindo (além da origem geográfica) idade e sexo do indivíduo, classe social, base educacional, trabalho e personalidade. Envolvendo vários fatores situacionais que influenciam na pronúncia, tal como o relacionamento social entre falante e ouvinte (...). (ROACH, 2000, p.210-211)<sup>15</sup>

Pierrehumbert (2001) destaca que os padrões sonoros de uma língua são aprendidos ao longo da aquisição da mesma, e também outorga um fator indispensável para tal aprendizagem: a inclusão de um indivíduo no contexto do uso da língua. Portanto, neste modelo, a língua é vista como um fenômeno social.

## 2 A sílaba

Fato fonético de difícil definição, a sílaba vem desafiando os que se dedicam a conceituá-la, razão por que se multiplicam as teorias que buscam esse objetivo na literatura linguística. Disso decorre dispormos hoje de um elenco de definições atreladas a um dado modelo de investigação linguística, todas com validade relativa, visto que não logram contemplar uma caracterização perfeita desse fenômeno comum a todas as línguas. (CAVALIERE, 2005, p.120)

Neste artigo, aborda-se sílaba como sendo, em síntese, “Som ou grupo de sons emitidos num único movimento expiratório” (CRISTÓFARO-SILVA & YEHA, 2009)<sup>16</sup>.

Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma **sílaba**. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força. (CRISTÓFARO-SILVA, 2009, p. 76)

A sílaba é formada de vogal, apresentada por *V*, e também pode conter consoante, *C*. Em relação à estrutura silábica, podem-se apresentar as palavras de Selkirk (1982) que afirma que há uma divisão principal da sílaba em duas partes: *onset* e rima; e a rima, que, por sua vez, também se divide em duas partes, sendo essas, núcleo e coda. Sobre a estrutura silábica, Peter Roach destaca:

Trabalhos recentes em fonologia fazem uso de uma análise mais apurada da sílaba, na qual a vogal e a coda (se houver uma) são conhecidas como a **rima**; (...) A rima é dividida em **núcleo** (que é normalmente uma vogal) e a coda (mas note que a coda é opcional: a rima pode não ter coda em uma palavra como “me”). Como nós vimos, a

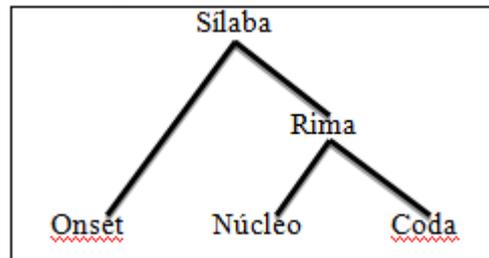
---

<sup>15</sup>“ We can find differences in pronunciation (as well as in other fields of linguistic analysis) resulting from various factors that we could call “static” influences including (in addition to geographical origin) one’s age and sex, social class, educational background, occupation and personality. In addition, various situational factors influence pronunciation, such as the social relationship between speaker and hearer (...)” (ROACH, 2000, p.210-211).

<sup>16</sup>Disponível em <http://fonologia.org>.

sílaba pode ter um onset, mas não é obrigatório. A estrutura da sílaba é a seguinte: (ROACH, P., 2000, p. 76-77)<sup>17</sup>

Figura 01: Estrutura da Sílaba



Sendo assim, a sílaba pode ser composta por três partes: O *onset*, o núcleo e a coda. O núcleo e a coda, por sua vez, podem ser denominados como rima. No *Dicionário de Fonética e Fonologia* (2011), Cristóvão Silva as descreve da seguinte maneira:

*Núcleo*: ápice ou ponto de destaque e proeminência em uma sílaba. É a unidade obrigatória lexicalmente presente na estrutura silábica das representações fonológicas. (p. 160)

*Onset*: elemento que precede o núcleo de uma sílaba e é geralmente formado por uma ou mais consoantes. É também denominado *ataque*.

*Coda*: termo adotado pela Fonologia Autosegmental para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal. (p.75)

Como mostrado acima nas palavras de Roach (2000), o núcleo e a coda podem ser denominados como rima. A seguir, o conceito de rima apresentado por Cristóvão Silva (2011):

*Rima*: constituinte silábico formado por uma posição nuclear e uma posição pós-vocálica de coda (esta última sendo opcional). Utiliza-se o símbolo *R* para indicar a rima. A rima é compreendida como uma projeção nuclear que pode ou não ter o complemento pós-vocálico (2011, p. 196).

### 3 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com informantes que estudam na Universidade Federal do Tocantins e que estavam devidamente matriculados. Os dados foram coletados de 06

<sup>17</sup> "Recent work in phonology makes use of a rather more refined analysis of the syllable in which the vowel and the coda (if there is one) are known as the **rhyme**; (...) The rhyme is divided into **peak** (normally the vowel) and the **coda** (but note that this is optional: the rhyme may have no coda, as in a word like "me"). As we have seen, the syllable may also have an onset, but this is not obligatory. The structure is thus the following" (ROACH, P., 2000, p. 76-77).

informantes no total: 05 do sexo feminino e 01 do sexo masculino. Os informantes foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo (Grupo 1) foi composto por informantes que cursavam o 2º período de Letras e o segundo grupo (Grupo 2) foi formado por informantes que estavam cursando o último período do curso de Letras, ou seja, o 8º período. Todos os participantes são brasileiros e nunca moraram no exterior. Os nomes dos informantes que participaram da coleta de dados não serão divulgados. Então, menciona-se cada um deles da seguinte maneira:

- Informante 01F do Grupo 1
- Informante 02F do Grupo 1
- Informante 03F do Grupo 1
- Informante 01M do Grupo 2
- Informante 02F do Grupo 2
- Informante 03F do Grupo 2

Ressalta-se que o Grupo 1 refere-se ao 2º período e o Grupo 2 ao 8º. M remete ao sexo masculino e F ao feminino.

A coleta de dados foi realizada através da leitura de um texto. Tal método foi utilizado pelo fato de ser conveniente tanto para o Grupo 1 quanto para o Grupo 2, pois os informantes do Grupo 1 ainda não conseguiam se comunicar por meio de entrevista, por exemplo. Logo, a leitura de texto foi o método mais eficaz para coleta de dados de ambos os grupos e, assim, poderiam ser alcançadas as informações importantes para o desenvolvimento dos objetivos específicos desta pesquisa.

O texto foi entregue aos informantes sem nenhum destaque para as palavras que foram analisadas, a fim de que os informantes as pronunciassem de maneira espontânea. Contudo, algumas palavras que eram finalizadas em sílabas fechadas não participaram da análise: palavras que foram pronunciadas com desvio total do padrão e todos os verbos regulares no passado<sup>18</sup>. Exceto essas duas restrições, todas as palavras terminadas em sílaba fechada foram analisadas.

O contexto total propício à ocorrência de epêntese era de 486 palavras, porém 58 palavras foram descartadas da análise, pelos motivos previamente citados. Como é mostrado na Tabela 01:

---

<sup>18</sup> Esses foram excluídos devido aos três tipos possíveis de pronúncia que se remetem ao sufixo “ed” ainda não estudados pelos informantes do Grupo 1: [t], [d] ou [ɪd].

Tabela 01: dados esperados e dados obtidos

Número de Dados Esperados	Palavras Descartadas	Número de Dados Obtidos
486	58	428

Destaca-se também que foi utilizado o programa “*praat*”<sup>19</sup> para a análise acústica dos dados.

#### 4 Análise de dados

##### 4.1: Apresentação e análise dos dados do grupo 1

O total de palavras com contexto propício à ocorrência de epêntese para os 03 informantes do Grupo 1 seria 243 palavras. Porém, 52 foram descartadas, pois a produção de tais palavras desviou-se totalmente do padrão. Sendo assim, restaram 191 palavras para serem analisadas.

Tabela 02: Total de palavras analisadas – Grupo 1

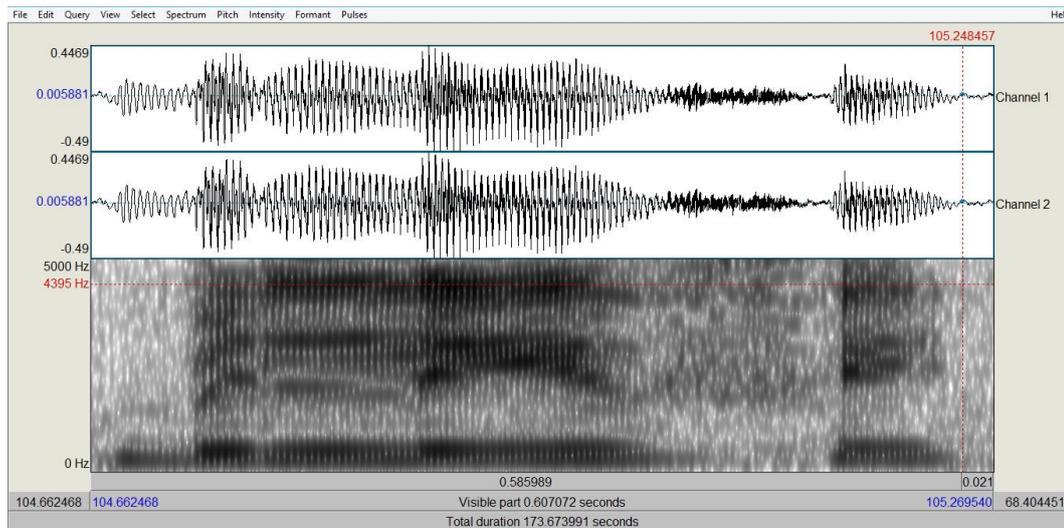
Fator	Manifestações	Porcentagem
Palavras pronunciadas com epêntese	72	37,70%
Palavras pronunciadas sem epêntese	119	62,30%

Observa-se na Tabela 02 que das 191 palavras analisadas apenas 72 foram pronunciadas com uma vogal epentética na sílaba final. Esse número corresponde a 37,70 %.

Em todo o texto, apenas três palavras foram pronunciadas com uma vogal epentética por todos os 03 informantes do Grupo 1: *imagine*, *what* e *believe*, sendo que a palavra “*what*” apareceu duas vezes no texto, e em ambas os 03 informantes a pronunciaram com uma vogal epentética. Observe a seguir a produção de “*believe*” feita por um informante do Grupo 1:

Figura 02: Produção da palavra “*believe*” realizada pelo informante 1F do Grupo 1

<sup>19</sup>**Praat** é um programa desenvolvido por [Paul Boersma](#) e [David Weenink](#) para analisar a fala. Este programa está disponível em <http://www.praat.org>.



Na Figura 02 há uma vogal epentética na sílaba final que por sua vez seria uma sílaba fechada. Tal fenômeno comprova a influência que o PB tem em relação à LI no âmbito fonológico.

Os formantes e as barras de vozeamento podem aparecer com maior ou menor intensidade. Essa variação acontece dependendo da intensidade com que uma vogal é pronunciada e também dependendo da consoante que acompanha a vogal. Como ressalta Ladefoged (2006, p. 177): “a intensidade relativa de cada frequência de um componente é mostrado pela escuridão da marca”<sup>20</sup>. Portanto, sons que são pronunciados com mais intensidade vão se manifestar no espectrograma através de barras mais escuras, e sons pronunciados com pouca intensidade vão aparecer no espectrograma com barras um pouco mais claras.

A seguir, apresentam-se os dados em relação à variável independente. Os dados serão mostrados por meio de duas tabelas, as quais se referem ao contexto precedente e contexto seguinte de sílabas fechadas. A Tabela 03 apresenta o contexto precedente em ordem decrescente de ocorrência de epêntese.

Tabela 03: Variável Independente – Contexto Precedente – Grupo 1

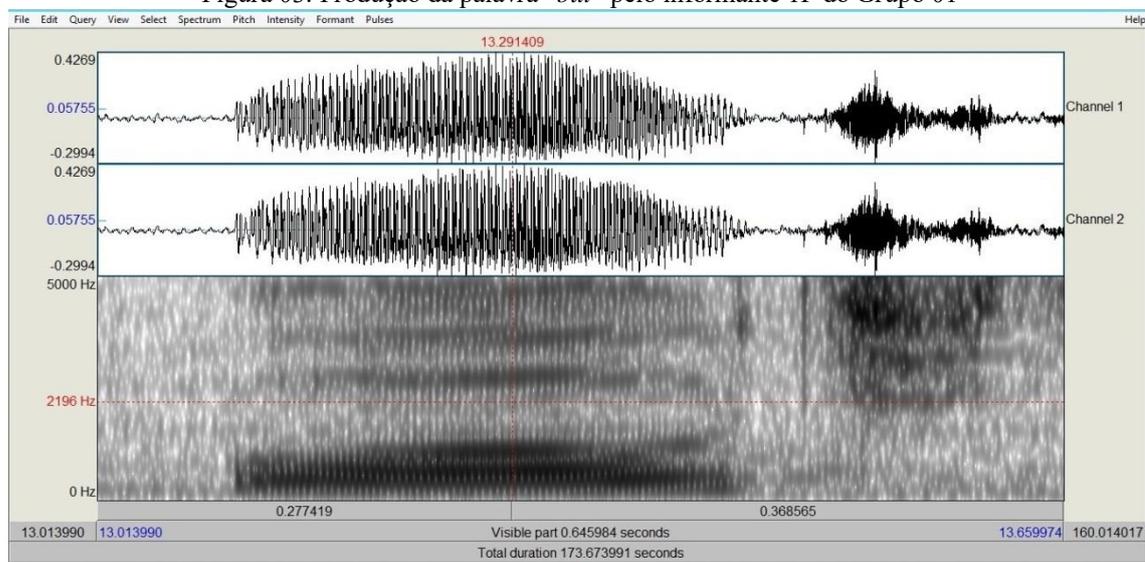
Fator	Total de Palavras Analisadas	Ocorrência das Palavras com Epêntese	Porcentagem
Nasal	13	9	69,23%
Fricativa	25	14	56%
Oclusiva	150	49	32,67%
Africada	3	0	0%

<sup>20</sup> “The relative intensity of each component is shown by the darkness of the mark”. (LADEFOGED: 2006, p. 177)

Nas palavras analisadas que terminavam em africada pós-alveolar surda [tʃ], não houve manifestação de epêntese em nenhum dos dados analisados. Mais da metade das palavras do texto que terminam em consoantes nasais e fricativas foram pronunciadas com uma vogal epentética, sendo a porcentagem de 69,23 % e 56 % respectivamente. Em relação às consoantes oclusivas 32,67 % foram pronunciadas com epêntese.

Vale ressaltar que 96 palavras, das 150 terminadas em oclusiva, eram terminadas em sílabas fechadas pela alveolar surda [t]. Na maioria das vezes em que uma palavra era finalizada com a oclusiva alveolar surda [t], os informantes do Grupo 1 produziam uma africada surda [tʃ] ao invés do [t]. Isso acontece porque “o falante brasileiro de inglês – cujo dialeto apresenta o processo de *palatalização de oclusiva alveolar* – tende a aplicar esse processo quando fala inglês” (CRISTÓFARO SILVA, 2012, p. 101). A maioria das palavras analisadas terminadas em [t] foram finalizadas por [tʃ], sendo que a vogal epentética não se manifestou.

Figura 03: Produção da palavra “but” pelo informante 1F do Grupo 01



A africada surda [tʃ] foi pronunciada ao invés da oclusiva alveolar surda [t], todavia, não ocorreu a vogal epentética e a produção da palavra foi finalizada pela africada pós-alveolar surda. Dessa maneira, alega-se que o fator que pode ter auxiliado a pouca ocorrência de epêntese em palavras terminadas com [t] ou [d] foi a troca destes sons por [tʃ] e [dʒ], respectivamente, visto que, em palavras que de fato terminam com o som consonantal [tʃ], como “*much*”, foram pronunciadas pelos 03 informantes sem a vogal epentética no final. Como mostra a Tabela 03,

não houve o fenômeno de epêntese quando a palavra era terminada por uma consoante africada. Logo, as consoantes que desfavorecem a ocorrência de epêntese são os sons consonantais [tʃ] e [dʒ].

Das 14 ocorrências de epênteses em palavras finalizadas com consoante fricativa, 09 eram terminadas com a fricativa labiodental sonora [v]. É válido ressaltar que a escrita dessas nove palavras continham a vogal “e” no final: *gave, believe, love*, etc. Essas palavras contêm a vogal “e” na escrita, mas ela não é pronunciada. Esse fator pode ter auxiliado na produção da vogal epentética durante a produção dessas palavras. Porém outras palavras que também contêm a vogal “e” somente na escrita foram pronunciadas sem uma vogal epentética, como por exemplo, *ice* e *experience*. Também é pertinente salientar que em algumas palavras terminadas em fricativa alveolar surda [s] ou sonora [z], e em fricativa labiodental surda [f], houve alternância de produção; algumas vezes foram pronunciadas com vogal epentética e em outras vezes não.

Por fim, ressalta-se que o fator que mais influenciou a ocorrência de epêntese foram as palavras que terminam em consoantes nasais, sendo que 69,23 % das palavras terminadas em sons nasais foram pronunciadas com uma vogal epentética. Das 13 palavras, apenas duas ocorrências não tinham a vogal “e” na escrita: “*thing*”. As demais apresentavam a vogal na grafia, como “*some, time, imagine, etc.*” Alega-se que, em referência aos dados das sílabas que terminavam em consoantes nasais, a escrita tenha sido um fator bastante relevante para a ocorrência de epêntese. Após a inserção da vogal epentética, a nasal que antes estava posicionada como coda passa a ser *onset*, sendo isso uma característica do PB já que as consoantes nasais ocupam somente a posição de onset na nossa língua. Portanto, esse é um fator que também comprova a influência fonológica do PB na aprendizagem de LI.

A seguir apresentamos a Tabela 04 com os dados em relação ao contexto seguinte.

Tabela 04: Variável Independente – Contexto Seguinte – Grupo 1

Fator		Total de Palavras Analisadas	Ocorrência das Palavras com Epêntese	Porcentagem
Vogal anterior alta não arredondada breve [ɪ] e longa [i:]		10	5	50%
Demais Vogais		18	9	50%
Retroflexa		2	1	50%
Fricativa		51	25	49,02%
Aproximante		23	11	47,83%
Oclusiva		31	12	38,71%
Africada		3	1	33,33%
Sem Contexto		42	7	16,70%
Nasal		11	1	9,10%

A Tabela 04 apresenta os dados em relação ao contexto seguinte em ordem decrescente de ocorrência de epêntese. Três fatores favorecem a ocorrência de epêntese: quando há, no contexto seguinte, uma vogal alta anterior sendo ela breve ou longa, uma vogal qualquer e uma consoante retroflexa.

As vogais são um fator relevante para a manifestação da epêntese, segundo a análise dos dados. As vogais altas, anteriores, breve [ɪ] e longa [i:] já são contextos que facilitam a ocorrência de uma vogal epentética, pois são vogais com articulações similares à vogal [i] que geralmente, é a vogal que se manifesta na epêntese. O fenômeno se manifestou em 50% dos casos com a vogal alta anterior em contexto seguinte. Os demais sons vocálicos, como [ʌ], [ə], [ɛ], também favorecem a manifestação de uma vogal epentética, bem como as aproximantes, [w] e [j], que aparecem na tabela como um fator benéfico à ocorrência de epêntese, pois em 47,83% das palavras que tinham como contexto seguinte uma das aproximantes houve o aparecimento de epêntese. Apesar das aproximantes serem consideradas consoantes na LI, as características articulatórias de [w] e [j] são bastante próximas das vogais [u] e [i] (CRISTÓFARO-SILVA, 2009). Isso pode ter auxiliado na ocorrência de epêntese visto que na maioria das vezes houve a troca das aproximantes pelas vogais [u] e [i] pelos informantes do Grupo 1. E como já destacado anteriormente, conclui-se que as vogais são contextos seguintes favoráveis ao surgimento de epêntese.

Duas palavras com uma consoante retroflexa em contexto seguinte foram produzidas por dois informantes diferentes do Grupo 1, das duas palavras, uma manifestou a inserção de uma vogal no final, ou seja, 50%. As fricativas, por exemplo, se destacaram em relação à ocorrência de tal fenômeno com 49,02%. As africadas, por sua vez, com 33,33%.

Em relação às oclusivas, quando houve encontro de palavras que terminavam em oclusiva, alveolar, surda [t] com palavras que também iniciavam com esse som consonantal, dificilmente ocorria epêntese. Como por exemplo, em frases que continham “*out to, it to, next time,*”.

Dois fatores desfavorecem a ocorrência de epêntese: primeiro, se esse contexto seguinte é uma consoante nasal, e segundo, se não houver um contexto seguinte, isto é, um ponto ou vírgula no texto escrito.

#### 4.2: Apresentação e análise dos dados do grupo 2

Primeiramente, apresentam-se as manifestações de epêntese obtidas através da análise de dados do Grupo 2.

Tabela 05: Total de palavras analisadas – Grupo 2

Fator	Manifestações	Porcentagem
Palavras pronunciadas com epêntese	8	3,38%
Palavras pronunciadas sem epêntese	229	96,62%

Para a análise de dados do Grupo 2, foram obtidas mais palavras posto que apenas 06 foram descartadas. É interessante destacar que nos dados do Informante 1M do Grupo 2 não houve a ocorrência de epêntese. Uma vez que na produção desse informante não houve tal fenômeno, será apresentada a mesma tabela sem os dados referentes a esse informante. Todavia, os dados desse informante foram analisados nas demais tabelas.

Tabela 06: Total de palavras com epêntese sem o informante 1M do Grupo 2

Fator	Manifestações	Porcentagem
Palavras pronunciadas com epêntese	8	5,13%
Palavras pronunciadas sem epêntese	148	94,87%

Consoante à Tabela 05, é notório a baixa porcentagem de epêntese nos dados analisados do Grupo 2, 3,38%, uma vez que no Grupo 1 essa porcentagem é de 37,70%. As palavras “*what, imagine e believe*” que foram pronunciadas com epêntese por todos os informantes do Grupo 1 foram produzidas sem a inserção de uma vogal no Grupo 2, com exceção da palavra “*imagine*” que foi produzida uma vez com a ocorrência de epêntese pelo Informante 2F.

A partir de agora, apresentam-se os dados referentes à variável independente. Assim como no subitem anterior, os dados serão mostrados por meio de duas tabelas, as quais mostram

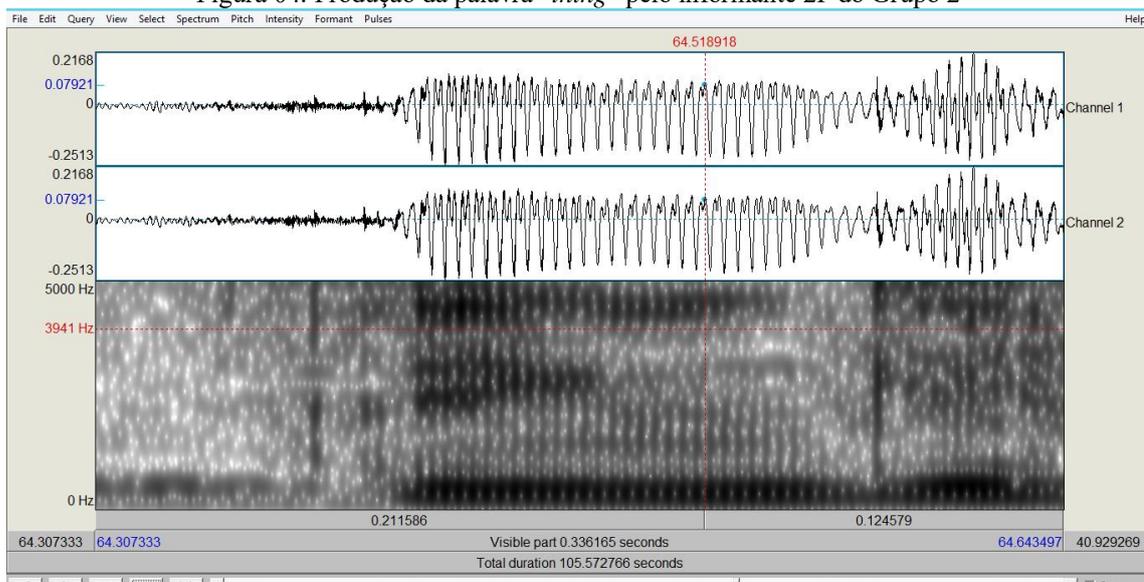
o contexto precedente e contexto seguinte das palavras terminadas em sílaba fechada. A Tabela 07 está organizada em ordem decrescente de ocorrência de epêntese.

Tabela 07: Variável Independente – Contexto Precedente – Grupo 2

Fator	Total de Palavras Analisadas	Ocorrência das Palavras com Epêntese	Porcentagem
Nasal	15	2	13,34%
Fricativa	34	1	2,95%
Oclusivas	183	5	2,74%
Africada	5	0	0%

Todas as porcentagens acima são baixas porque não houve alta ocorrência de epêntese nos dados do Grupo 2. O maior índice de epêntese em relação ao contexto precedente foi com as consoantes nasais, porém, mesmo sendo o maior índice da tabela, não é um valor alto, 13,34%. É pertinente ressaltar que somente 02 das 15 palavras terminadas em nasais foram pronunciadas com uma vogal epentética, sendo que as duas foram produzidas por somente um informante: informante 2F. Em relação às fricativas, apenas a palavra “*with*” foi pronunciada com epêntese, que é equivalente a 2,95% das palavras que terminavam em fricativa. Somente 2,74% das palavras que terminavam em oclusivas foram produzidas com a inserção de vogal epentética. As africadas, assim como nos dados do Grupo 1, são os sons consonantais que desfavorecem a manifestação de epêntese. A Figura 04 exemplifica uma palavra produzida com epêntese nos dados do Grupo 2.

Figura 04: Produção da palavra “*thing*” pelo informante 2F do Grupo 2



Observe que a palavra “*thing*”, assim como “*imagine*”, foi produzida com epêntese pelo informante 2F do Grupo 2. Ambas as palavras terminam em consoantes nasais: [ŋ] e [n], respectivamente.

A seguir será apresentada a Tabela 08 com os dados do Grupo 2 em relação ao contexto seguinte.

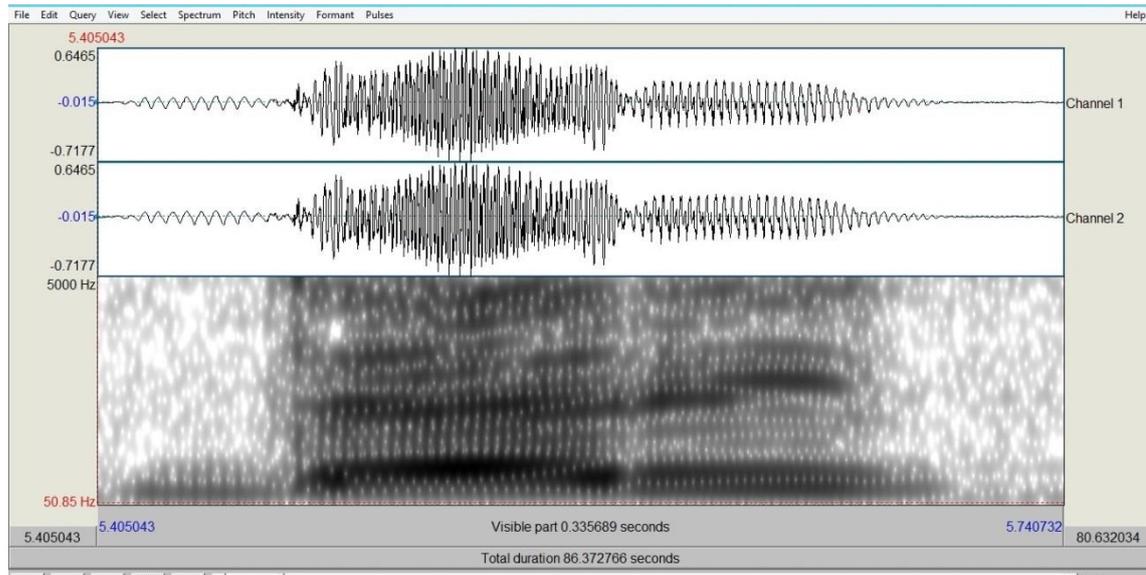
Tabela 08: Variável Independente – Contexto Seguinte – Grupo 2

Fator	Total de Palavras Analisadas	Ocorrência das Palavras com Epêntese	Porcentagem
Oclusiva	42	3	7,15%
Fricativa	57	3	5,27%
Aproximante	24	1	4,17%
Sem Contexto	51	1	1,97%
Africada	3	0	0%
Demais Vogais	25	0	0%
Nasal	12	0	0%
Retroflexa	3	0	0%
Vogal Anterior, Alta, Não arredondada, breve [i] e longa [i:]	20	0	0%

As porcentagens da Tabela 08 são baixas de modo geral porque houve pouca ocorrência de epêntese nos dados do Grupo 2. O maior índice de ocorrência de epêntese nos dados do Grupo 2 foi com as oclusivas em contexto seguinte, 7,15%. Das 3 ocorrências com epêntese 02 foram com a mesma palavra produzida pelo mesmo informante: informante 3F. A palavra “*dad*” aparecia no texto duas vezes, e em ambas, esse informante pronunciou a palavra com epêntese. Quando o contexto seguinte estava preenchido por consoantes fricativas houve manifestação de uma vogal epentética em 5,27% dos dados. Apenas uma palavra que tinha como contexto seguinte a aproximante [w] foi produzida com epêntese, o que representou 4,17% dos casos. Nos dados sem contexto seguinte apenas uma palavra foi pronunciada com epêntese: “*it*”. A palavra “*it*” foi produzida por três vezes sem contexto seguinte. Apenas o informante 2F do Grupo 2 a pronunciou com epêntese, ressaltando que quando essa mesma palavra estava localizada onde havia contexto seguinte a epêntese não foi produzida por tal informante.

Nesse grupo não houve ocorrência de epêntese quando os contextos seguintes foram nasais, africadas, retroflexas ou vogais. A Figura 05 traz um exemplo de epêntese com uma oclusiva em contexto seguinte.

Figura 05: Produção da palavra “*dad*” pelo informante 3F do Grupo 2



A Figura 05 mostra a adição de um som vocálico no final da palavra “*dad*”. Verifica-se, por meio dos dados analisados do Grupo 2, que mesmo estando em um nível de inglês mais avançado, alguns participantes ainda produzem epêntese em sílabas fechadas. Isto é, ainda há influência do PB na LI. Destacando que tal influência é em menor grau no Grupo 2 que para o Grupo 1.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos através da análise de ambos os grupos, com base nos objetivos desta pesquisa.

### 4.3: Resultado da análise dos dados

#### 4.3.1 Total de produção de epêntese em sílabas finais no corpus analisado

A Tabela 09 mostra o total de ocorrência de epêntese nos dados do Grupo 1 e Grupo 2:

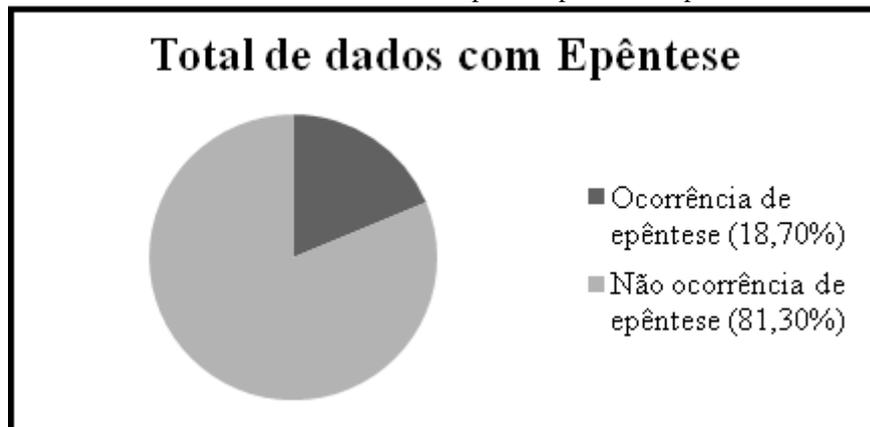
Tabela 09: Total de ocorrência de palavras com epêntese – Grupos 1 e 2

Fator	Total de Palavras com Contexto Propício à Ocorrência de Epêntese	Manifestações	Porcentagem
Palavras pronunciadas com epêntese	428	80	18,70%
Palavras pronunciadas sem epêntese	428	348	81,30%

Foram obtidos 486 dados, todavia 58 palavras foram descartadas devido ao desvio total de produção, desse modo restaram 428 dados no *corpus* para serem analisados. Desses dados

apenas 18,70% foram pronunciadas com epêntese. Esse valor não é alto mesmo reunindo os dados dos dois grupos. A porcentagem de epêntese não é alta, visto que 81,30% das palavras foram pronunciadas sem epêntese, e apenas 18,70% foram pronunciadas com vogal epentética. Apresenta-se o gráfico a seguir com os resultados de palavras pronunciadas com epêntese por ambos os grupos:

Gráfico 01: Total de dados com epêntese para os Grupos 1 e 2



#### 4.3.2.Contextos que mais auxiliam e os que mais desfavorecem a ocorrência de epêntese em sílabas finais

A seguir serão apresentadas as Tabelas 10 e 11 com os dados em relação à variável independente, contexto precedente e contexto seguinte, de ambos os grupos a fim de apresentar os contextos que mais favorecem e desfavorecem a ocorrência de epêntese.

Tabela 10: Variável Independente - Contexto Precedente – Grupos 1 e 2

Fator	Total de Palavras Analisadas	Total de Palavras com Epêntese	Porcentagem
Nasal	28	11	39,29%
Fricativa	59	15	25,43%
Oclusiva	333	54	16,22%
Africada	8	0	0%

Os dados da Tabela 10 mostram que as consoantes nasais se manifestam como sendo o contexto precedente que mais auxilia na ocorrência de epêntese, 39,29% e as africadas como sendo o grupo de som consonantal que mais desfavorece a ocorrência do fenômeno, pois não houve produção de vogal epentética por nenhum dos informantes quando as palavras

terminavam em africadas. Em relação a ocorrência de epêntese em relação ao contexto seguinte, verifica-se a Tabela 11.

Tabela 11: Variável Independente – Contexto Seguinte – Grupos 1 e 2

Fator	Total de Palavras Analisadas	Total de Palavras com Epêntese	Porcentagem
Fricativa	108	28	25,93%
Aproximante	47	12	25,53%
Demais Vogais	43	9	20,93%
Oclusiva	73	15	20,55%
Retroflexa	5	1	20%
Africada	6	1	16,67%
Vogal Anterior, Alta, Não arredondada, breve [i] e longa [i:]	30	5	16,67%
Sem Contexto	93	8	8,60%
Nasal	23	1	4,35%

A partir da análise dos dados da Tabela 11 pode-se constatar que o contexto seguinte que mais favorece a produção de epêntese é aquele preenchido por uma fricativa, 25,93%, seguido pelas aproximantes, 25,54%. As nasais, por sua vez, são o contexto seguinte que mais desfavorecem a ocorrência de epêntese com 4,35%.

Contrastando os dados em relação ao contexto precedente e contexto seguinte tem-se as seguintes conclusões: em relação ao contexto precedente o fator favorecedor para a produção de epêntese são as nasais e as africadas se destacam por desfavorecer o fenômeno. Em relação ao contexto seguinte, apura-se que as nasais são o contexto que mais desfavorece e as fricativas as que mais auxiliam a ocorrência do fenômeno como mostra a Tabela 12.

Tabela 12: Contextos que favorecem e desfavorecem a ocorrência de epêntese

Contexto	Favorece a Ocorrência de Epêntese	Porcentagem	Desfavorece a Ocorrência de Epêntese	Porcentagem
Contexto Precedente	Nasais	39,29%	Africadas	0%
Contexto Seguinte	Fricativas	25,93%	Nasais	4,35%

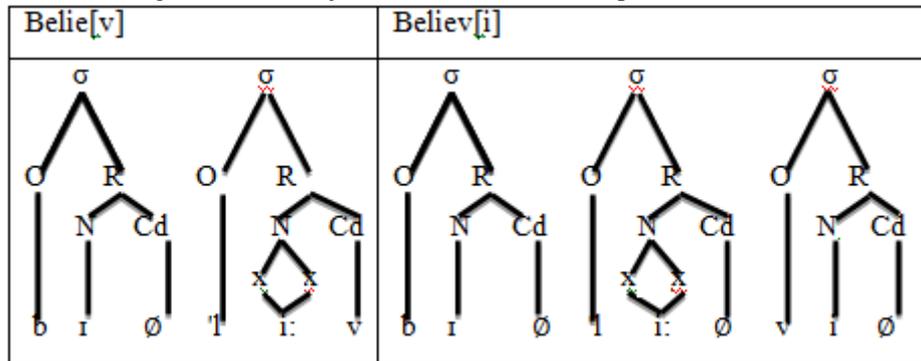
#### 4.3.3. Epêntese em sílabas finais: mudança na estrutura silábica das palavras

Neste item, apresentam-se algumas palavras nas quais os informantes do Grupo 1 e Grupo 2 produziram uma vogal epentética.

Os três informantes do Grupo 1 produziram a palavra “*believe*” com uma vogal epentética em todas as suas produções. Essa palavra pronunciada com epêntese não chega a causar desvio no significado, porém ela sofre alteração em sua estrutura silábica. Com a

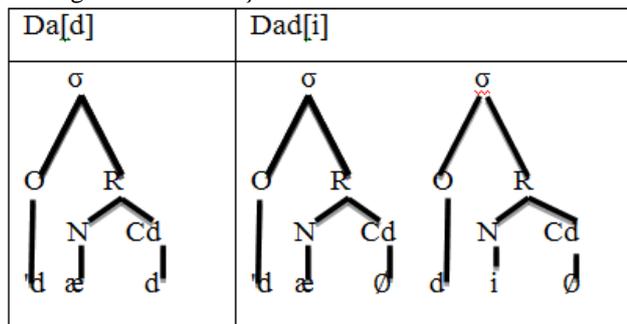
inserção de epêntese [i], essa palavra passa a ter três sílabas ao invés de duas como demonstrado na Figura 06:

Figura 06: Mudança na Estrutura Silábica da palavra “believe”



Já no Grupo 2, a palavra que foi pronunciada mais de uma vez com epêntese foi o substantivo “dad”. Quando pronunciada com epêntese essa palavra também não causa alteração no seu significado, mas sua estrutura silábica sofre algumas mudanças, passando a ter 2 sílabas como verificado na Figura 07:

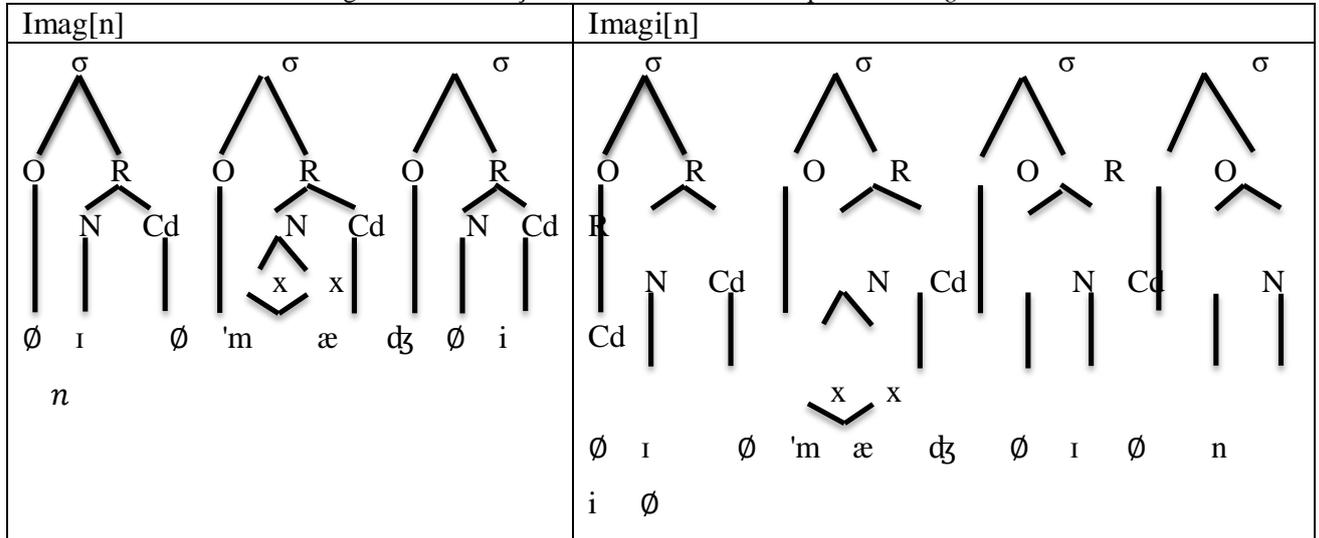
Figura 07: Mudança na Estrutura Silábica de “dad”



A palavra “imagine” foi a mais pronunciada com epêntese: 04 manifestações do fenômeno em 06 produções da palavra, tanto pelo Grupo 1 quanto pelo grupo 2. Assim como as outras palavras citadas, não houve mudança em seu significado quando pronunciada com

epêntese, mas houve inserção de elemento em sua estrutura silábica como mostrado na Figura 08.

Figura 08: Mudança na Estrutura Silábica da palavra “*imagine*”



#### 4.3.4 Ocorrência de epêntese: comparando dados do 2º e 8º períodos

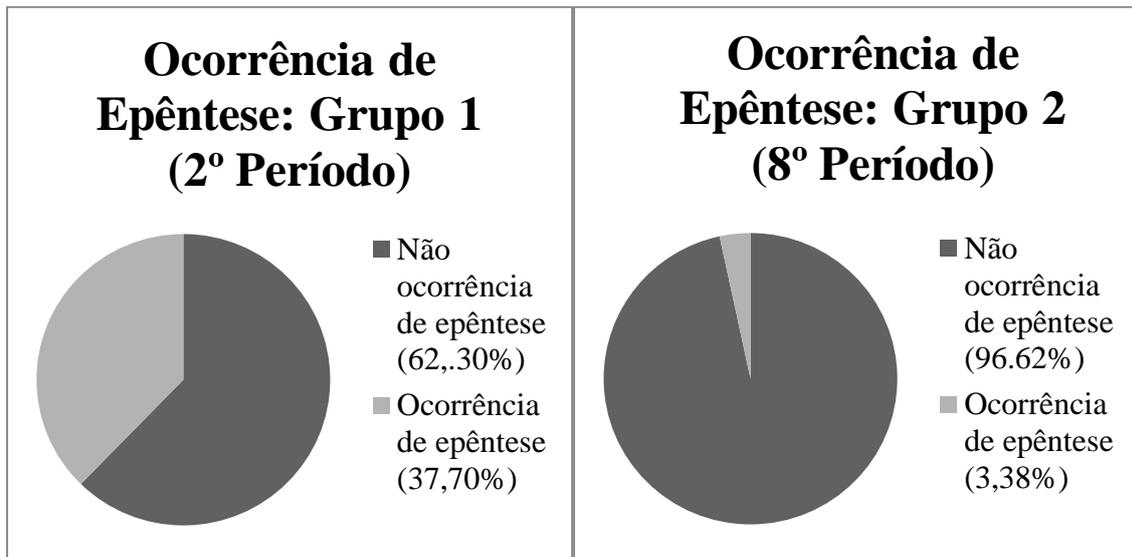
A seguir exibe-se a Tabela 13 com a comparação de ocorrência de epênteses do Grupo 1 e Grupo 2:

Tabela 13: Comparação total de ocorrência de epêntese: Grupo 1 e 2

Grupos	Total de Palavras Analisadas	Ocorrência de Epêntese	Porcentagem
Grupo 1	191	72	37,70%
Grupo 2	237	8	3,38%

É notória a grande diferença entre as porcentagens de produção de epêntese do Grupo 1 e do Grupo 2. O Grupo 1 tem uma porcentagem alta em relação ao Grupo 2, sendo que este primeiro tem 37,70% e o segundo apenas 3,38%. Logo, com base no *corpus* analisado, a epêntese se manifesta com mais frequência nos dados dos estudantes do Grupo 1, por outro lado tal fenômeno é menos frequente na produção dos estudantes do Grupo 2.

Gráfico 02: Comparando a ocorrência de epêntese do Grupo 1 e 2



### Considerações finais

Após a análise e comparação dos dados obtidos dos informantes de ambos os grupos, foram atestadas as seguintes conclusões:

- Há a ocorrência de epêntese na fala dos informantes o que dá indícios de influência do PB na produção em LI.
- As nasais são o contexto precedente favorecedor à ocorrência de epêntese.
- As palavras terminadas em consoantes africadas desfavorecem a ocorrência de epêntese.
- Em relação ao contexto seguinte as fricativas são o contexto mais propício à inserção de uma vogal epentética.
- As nasais desfavorecem a ocorrência de epêntese quando estão situadas como contexto seguinte.
- A epêntese causa mudança na estrutura silábica das palavras e, em alguns casos, pode alterar o significado das mesmas.
- A escrita também é um fator que ajuda na ocorrência de epêntese principalmente em palavras cujas sílabas são finalizadas em consoantes nasais, como por exemplo: *time*, *imagine*, *some* etc.
- Os alunos do 2º Período (Grupo 1) têm um percentual maior de ocorrência de epêntese em sua produção comparado aos alunos do 8º Período (Grupo 2): 37,7% e 3,38% respectivamente.

Nos dados desta pesquisa pode-se averiguar a influência do PB na produção de LI, visto que a epêntese ocorreu tanto em dados dos alunos do 2º Período quanto em alunos do 8º Período.

Portanto, ressaltamos que existe influência do PB na produção de LI no âmbito fonológico até na fala de alunos que se encontram em nível de inglês mais avançado. Salientamos também que não se trata de sotaque, mas sim da inserção de uma vogal epentética que, quando existente, além de alterar a estrutura silábica, pode causar mudança no significado, causando assim um desvio na comunicação.

### Referências

ASSIS, A. M. de. *A interferência fonológica do Português – LI – na aquisição de Inglês – L2. “Os traços [+tenso] e [-tenso]”*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2008

ASSIS, A. M. de. Conceitos de fonética e fonologia como parte da formação do professor de Inglês como língua estrangeira. In: CAMARGO, VIEIRA & FONSECA (Orgs.) *Perspectivas críticas e epistemológicas para o ensino de língua adicional e materna na contemporaneidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

AQUINO, N. R. M. ; HAUPT, C. O livro didático no ensino de língua estrangeira: atividades de pronúncia. *SOLETRAS(UERJ)*, v. 27, p. 298-311, 2014.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português falado*(Vol VII: Novos Estudos). Campinas: Unicamp, 1999. p. 701-742.

BYBEE, J. *Phonology and Language Use*. Cambridge University Press, 2001.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque ao modelo fonêmico*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 239 p.

\_\_\_\_\_. Descartando Fonemas: a representação lexical na 'Fonologia de Uso'. In: Dermeval da Hora; Gisella Collischonn. (Org.). *Teoria Lingüística: Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 2003, p. 200-231.

\_\_\_\_\_. Fonética e Fonologia: Perspectivas Complementares. *Revista Estudos da Língua(gem)*. Bahia, v.3, p. 25-40, 2006.

\_\_\_\_\_. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. 9. ed-São Paulo: Contexto, 2008. 275 p.

\_\_\_\_\_. Fonologia: Por uma análise integrada entre a morfologia e à sintaxe. *Viva Voz*. Belo Horizonte, v. 2, p. 61-70, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Ensino de pronúncia na aula de Língua Estrangeira*. <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/ensinopronuncia-2006-ms.pdf>. Acesso em 14 de Outubro de 2015. p.1-10.

\_\_\_\_\_. *Pronúncia do Inglês: para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. 236 p.

\_\_\_\_\_. & GOMES, C. A. *Representações múltiplas e organização do componente linguístico*. FórumLinguístico (UFSC. Impresso), Florianópolis - Santa Catarina, v. 4, p. 147-177, 2007.

GODOY, S., GONTOW, C. & MARCELINO, M. *English pronunciation for brazilians: the sounds of american English*. São Paulo: Disal, 2006.

HAUPT, C. A palavra como locus de análise da variação fonético-fonológica. *Letras de Hoje* (Online), v. 49, p. 36-45, 2014.

\_\_\_\_\_. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares no estudo da monotongação. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 19, p. 667-189, 2011.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de; OLIVEIRA, E. C. de. Sobre métodos, técnicas e abordagens In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.) *Formação de Professores de Línguas Estrangeiras: Princípios e Práticas*. -Goiânia: Editora da UFT, 2012. P. 11-40.

PIERREHUMBERT, J. *Knowledge of variation. Papers from the Parasession on Variation*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1994a.

LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. 5 ed. Thomson Wadsworth, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, G. & CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 147-177.

PUCHTA, H. & STRANKS, J. *Into English 2* (Coleção Into English). São Paulo: Ática, 2012.

ROACH, P. *English Phonetics and Phonology: A practical course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ROCA, I. & JOHNSON, W. The Syllable In: \_\_\_\_\_. *A course in Phonology*. Cambridge University Press, Vol. 17, n. 2, 2000, p. 275-280.

SANTOS, A. R. dos. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SELKIRK, E. O. The Syllable. In: HULST & SMITH (Eds.) *The structure of phonological representation (Part II)*. ForisPublication: 1982, p. 338-383.

SOUZA, M. O. P. de. A Fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira. *Revista Prolíngua*, UFPB, v. 2 , n. 1, p. 33-43, jan.-jun. 2009.

*Recebido em 17 de abril de 2017.  
Aprovado em 29 de setembro de 2017.*